A discussão sobre equidade e diversidade ganhou força no mundo institucional porque deixou de ser tratada como pauta acessória. Hoje, integra o núcleo das decisões de negócios, influencia reputações e molda a capacidade de organizações se manterem relevantes. Empresas privadas, órgãos públicos e instituições financeiras compreendem que representatividade não apenas melhora o ambiente de trabalho, mas fortalece processos decisórios, reduz riscos e amplia a legitimidade.

Em mercados maduros, investidores já tratam diversidade como elemento de governança, avaliando se organizações dão espaço real a diferentes vozes, trajetórias e grupos sociais. No Brasil, onde desigualdades estruturais ainda determinam acesso a oportunidades, esse debate é especialmente urgente — e os fundos de pensão, pela escala e impacto social que possuem, tornaram-se agentes centrais desse avanço.

As entidades fechadas de previdência complementar administram mais de R$ 1 trilhão e protegem o futuro financeiro de milhões de trabalhadores. Por serem investidores de longo prazo e instituições com forte vínculo social, passaram a assumir compromissos crescentes com diversidade, tanto internamente quanto na relação com participantes e no próprio processo de investimento.

No âmbito interno, observa-se maior presença de mulheres, pessoas negras, jovens e profissionais de formações diversas em conselhos, diretorias e comitês. Também se ampliam políticas de igualdade de oportunidades, ações de combate ao assédio e programas de conscientização sobre vieses inconscientes. Embora o ritmo ainda possa evoluir, já há consenso de que equipes pluralizadas produzem análises mais robustas, aperfeiçoam a governança e reforçam a confiança dos participantes ...

(Continua)

*Diretor-Presidente da Abrapp. Atua no setor de previdência complementar fechado desde 1981.

Clique aqui para ler o artigo na íntegra.

**Fonte:** Abrapp em Foco, em 19.12.2025.